

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS DO PONTAL

REGILEUSA APARECIDA DUTRA

A MÚSICA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO INFANTIL:
Análise de uma sequência didática em conformidade aos campos de experiência da BNCC

Ituiutaba
2021

REGILEUSA APARECIDA DUTRA

A MÚSICA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO EM EDUCAÇÃO INFANTIL:
Análise de uma sequência didática em conformidade aos campos de experiência da BNCC

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Universidade Federal de Uberlândia – Campus Pontal, para a obtenção do título de graduada em Pedagogia, sob a orientação da Professora Dra. Simone Aparecida dos Passos.

Ituiutaba

2021

REGILEUSA APARECIDA DUTRA

Trabalho de Conclusão de Curso a apresentar apresentado à banca examinadora da Universidade Federal de Uberlândia – Campus Pontal, para a obtenção do título de graduado em Pedagogia, sob a orientação da Professora Doutora Simone Aparecida dos Passos

BANCA EXAMINADORA

Prof^a: Doutora Simone Aparecida dos Passos

Prof^a: Doutora Gláucia Signorelli de Queiroz Gonçalves

Prof^a: Doutora Lúcia Helena M de M Oliveira

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pela vida e por me possibilitar cursar uma faculdade, a qual contribuiu para me tornar a mulher que sou hoje, a melhor versão de mim. Não foi fácil chegar até aqui, passei por muitos obstáculos, jamais tinha passado em minha cabeça a possibilidade de cursar em uma universidade.

Agradeço a Deus todos os dias ao me levantar por colocar pessoas certas no momento certo em minha vida, que, aqui expresso meu agradecimento a todos que fizeram parte dessa trajetória de alguma forma. Obrigada a meu pai e à minha mãe. Dedico este trabalho a eles: Maria divina silva (in memorian) e João Alexandre Dutra (in memorian), que foram meus primeiros professores e exemplos, pessoas muito humildes e de uma simplicidade, sei que, de onde eles estiverem então me aplaudindo.

Ao meu namorado Marcelo Bastos, pelo seu apoio e companheirismo, amor, dedicação me incentivando sempre. Sem o seu apoio, compreensão e amor, eu não teria chegado onde cheguei. A toda minha família, aos meus filhos, Rafaella Goulart e Gabriel Goulart, meus netos João Miguel e Manoella irmãos e minhas cunhadas, que participaram ao longo de todo esse processo, e que se fizeram presentes, de alguma forma, para que eu chegasse até aqui.

À minha orientadora Simone Aparecida dos Passos pelas orientações sempre muito enriquecedoras, pelo apoio e dedicação para que este trabalho se tornasse real. Por acreditar em mim e me fazer acreditar que tudo é possível, e que eu seria capaz. Agradeço aos meus professores, pelas aulas ministradas, especialmente a Lúcia Helena M de M Oliveira e Gláucia Signorelli de Queiroz Gonçalves o conhecimento que me possibilitaram construir nessa caminhada.

A todos os colaboradores da Universidade Federal de Uberlândia, que contribuíram direto e indiretamente, sintam minha sincera gratidão. Às minhas companheiras(o) de sala e da minha caminhada no curso de Pedagogia: Gabriella, Michelle, Larissa, Ritiele, Patrícia e Jose lito. Sem vocês, minha trajetória acadêmica não teria sido a mesma. Sempre lembrarei um pouco de cada um de vocês com afeto e carinho.

Agradeço, em especial, a minha filha e amiga Rafaella, que sempre se disponibilizou e correu atrás me ajudando em todas as pendências burocráticas que a vida acadêmica exige; desde minha matrícula no curso, nas inscrições de bolsas de estudos. Enfim, sou grata a todos que fizeram parte da minha trajetória acadêmica e que, de algum modo, contribuíram para que esse momento tão importante, finalmente, chegasse.

RESUMO

A música como conteúdo e o seu aspecto teórico e metodológico no processo de ensino e aprendizagem são importantes na Educação Infantil. Dessa premissa, este estudo evidencia uma experiência realizada em uma instituição de Educação Infantil no município de Ituiutaba-MG, durante a realização do Estágio Supervisionado. O objetivo foi analisar o uso da música na educação infantil como um elemento motivador na realização de atividades lúdicas nesta fase da escolarização, tendo como fonte uma sequência didática construída a partir da obra “Dona Aranha” de Josette Feres. A questão que norteou essa pesquisa foi: de que maneira o conteúdo de música pode contribuir para o processo de aprendizagem dos alunos em fase pré-escolar da Educação Infantil? Quanto a metodologia, trata-se de uma pesquisa qualitativa e documental, que partiu da análise de uma sequência didática sob os elementos da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Para balizar nossa discussão foram utilizados os registros das observações feitas durante o Estágio Supervisionado II em Educação Infantil. A observação é uma técnica utilizada principalmente em pesquisas etnográficas, nela se confere ao observador de acordo com Ludke e André (1986) a difícil tarefa de selecionar e reduzir a realidade, visto que deverão ser priorizados aspectos mais relevantes. Em relação às orientações teórico-metodológicas, os principais autores utilizados foram: Ludke e André (1986), Feres (1998), Zamboni (2001), Pimenta (2009), Ilari (2003), Oliveira (2020), além do documento da Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017). A pesquisa possibilitou identificar que além do valor referente a música como linguagem artística, o seu conteúdo e a sua capacidade de conduzir processos de aprendizagem foi capaz de estimular a criatividade e emoção, a interdisciplinaridade dos conteúdos e atender e relacionar os diferentes Campos de Experiência e objetivos de aprendizagem apresentados na Base Nacional Comum Curricular da Educação Infantil (BNCC). Concluímos, assim, que a investigação permitiu a compreensão sobre a importância do estágio supervisionado em Educação Infantil como um momento de instrumentalizar nossa prática por meio das teorias educacionais diversas; pensar a arte como uma área do conhecimento essencial para a formação humana além de; fomentar a utilização da linguagem musical no processo ensino-aprendizagem, bem como, a interlocução com os campos de experiência referentes a Base Nacional Comum Curricular da Educação Infantil (BNCC).

Palavras-chave: Arte; Música; Educação Infantil; BNCC

ABSTRACT

Music as content and its theoretical and methodological aspect in the teaching and learning process are important in early childhood education. From this premise, this study evidences an experience carried out in a Child Education institution in the city of Ituiutaba-MG, during the Supervised Internship II. The objective was to analyze the use of music in early childhood education as a motivating element in carrying out playful activities at this stage of schooling, having as source a didactic sequence built from the work “Dona Aranha” by Josette Feres. The question that guided this research was: how can music content contribute to the learning process of preschool students in Kindergarten? As for the methodology, it is a qualitative and documentary research, which started from the analysis of a didactic sequence under the elements of the Common National Curriculum Base (BNCC). To guide our discussion, we used the records of observations made during Supervised Internship II in Early Childhood Education. Observation is a technique used mainly in ethnographic research, in which, according to Ludke and André (1986), the observer is given the difficult task of selecting and reducing reality, as more relevant aspects should be prioritized. Regarding the theoretical and methodological guidelines, the main authors used were: Ludke and André (1986), Feres (1998), Zamboni (2001), Pimenta (2009), Ilari (2003), Oliveira (2020), in addition to the document from Common National Curriculum Base (BRASIL, 2017). The research made it possible to identify that, in addition to the value referring to music as an artistic language, its content and its ability to conduct learning processes was able to stimulate creativity and emotion, the interdisciplinary content and meet and relate the different Fields of Experience and learning objectives presented in the Common National Curriculum Base for Early Childhood Education (BNCC). We conclude, therefore, that the investigation allowed us to understand the importance of the supervised internship in Early Childhood Education as a moment to instrumentalize our practice through different educational theories; to think of art as an area of essential knowledge for human formation, in addition to; foster the use of musical language in the teaching-learning process, as well as the dialogue with the fields of experience referring to the Common National Curriculum Base for Early Childhood Education (BNCC).

Key-words: Art; Song; Child education; BNCC

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Apresentação da Música "Dona Aranha"	25
Figura 2: Colagem da letra da Música.....	25
Figura 3: Colagem das aranhas coloridas na teia de aranha feita com bambolê	26
Figura 4: 1ª etapa da confecção de uma teia de aranha a partir da atividade do alinhavo	27
Figura 5: 2ª etapa da confecção de uma teia de aranha a partir da atividade do alinhavo	27
Figura 6: Atividade Porta Texto	28

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO UM MOMENTO DE VIVENCIAR A PRÁTICA DOCENTE	10
2. A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM ARTES: ALGUNS APONTAMENTOS	13
3. A MÚSICA COMO CONTEÚDO E ELEMENTO CONDUTOR DE APRENDIZAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL	16
4. DONA ARANHA: A MÚSICA UM CONTEÚDO E ELEMENTO MOTIVADOR-DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL	20
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	30

INTRODUÇÃO

O tema deste estudo surgiu dos diálogos e observações realizadas em uma instituição de Educação Infantil localizada no município de Ituiutaba-MG do período de 03/04/2019 a 02/07/2019. Estas observações e diálogos foram realizados em uma escola que tem o olhar voltado para o lúdico como linguagem da criança, que atende crianças de 4 e 5 anos, contemplando, especificamente, o público da Educação Infantil. Vimos que a ludicidade estava presente no processo de ensino e aprendizagem e a música estava sempre presente na prática docente no cotidiano escolar. Neste sentido, entendemos que a música é um elemento significativo e fundamental para a prática do professor da Educação Infantil.

Outrossim, a relação que se estabeleceu com a música enquanto um dos elementos essenciais para aprendizagem na Educação Infantil, faz-se necessário pontuar a relevância dos aportes teóricos para a compreensão e sistematização dos saberes sobre a temática em questão. O subsídio teórico que tivemos vieram dos estudos em diversas disciplinas, dentre elas: Construção do Conhecimento em Artes e Estágio Supervisionado II – Educação Infantil, componentes curriculares obrigatórios do curso de Graduação em Pedagogia do Instituto de Ciências Humanas do Pontal, da Universidade Federal de Uberlândia.

Na primeira disciplina, os conhecimentos nela construídos contribuíram para elaborar reflexões acerca da Arte como conteúdos diversos, e para além da contextualização, dos elementos técnicos, estavam, a criação, a crítica, fruição, estesia, expressão, reflexão (BRASIL, 2017). Na segunda, houve a oportunidade de vivenciar e experienciar atividades que envolviam a música como uma das linguagens fundamentais para a aprendizagem das crianças. A inter-relação entre teoria e prática, na qual o papel do professor de Educação Infantil é problematizado e, ainda, o estagiário tem a oportunidade de experienciar uma prática docente pela observação e intervenção, aspectos que foram fundamentais para materializar as impressões e reflexões feitas no componente curricular anterior.

Neste sentido, a partir da participação nas práticas da disciplina Estágio Supervisionado III, percebemos o envolvimento das crianças nas atividades que se relacionavam a música, desde a chegada na instituição com as canções de rotina, rodinhas, momentos que podem ser descritos como de interação entre a professora e os alunos que ocorrem diariamente e fazem parte do cotidiano da sala de aula. Mas, também, podemos compreendê-los como um espaço de comunicação de ideias por meio da oralidade, e expressão de sentimentos, sensações, emoções e como conteúdo. Assim, uma vez que a música estava presente em muitos momentos de

interação e aprendizagem de crianças pequenas, a questão que norteou este estudo foi: qual o papel da música no processo de formação ou no processo de escolarização das crianças da Educação Infantil? As respostas a esta pergunta foram elaboradas a partir da elaboração e interpretação de uma sequência didática aplicada em escola onde atuamos como estagiária.

A partir das nossas inquietações e curiosidades, tentamos construir o enfoque, da contribuição da música no processo de aprendizagem. Partimos da música “Dona Aranha” da autora Josette Feres, uma canção significativa para as crianças uma vez que, há algum tempo ela fazia parte da rotina delas. A construção da sequência didática contou com a participação da, então, estagiária Gabriela Tostes. A reflexão apresentada aqui demonstra a nossa reflexão particular diante deste processo coletivo, de forma que, o objetivo foi analisar o uso da música na educação infantil como um elemento motivador na realização de atividades lúdicas nesta fase da escolarização

No que se refere aos procedimentos metodológicos, a presente pesquisa é de abordagem qualitativa, pois buscamos nos debruçar sobre o aspecto subjetivo do objeto de investigação. Nesta abordagem, os dados da pesquisa não são quantificados, mas problematizados a partir de seus significados (MINAYO, 2001). A pesquisa, ainda, configura-se como um relato de experiência, a qual os dados foram buscados no Diário de Campo, instrumento de registro utilizado nas atividades da Disciplina Estágio Supervisionado, foram essenciais para a elaboração deste estudo. Destacamos, também, que a análise dos dados foi balizada pelo conteúdo da BNCC para a Educação Infantil (BRASIL, 2017) sobre os campos de experiência.

Sendo assim, a metodologia utilizada nos conferiu a possibilidade de fazer reflexões sobre a experiência e os saberes compartilhados, juntamente com uma professora que nos acompanhou no estágio e que por questões éticas não iremos citar seu nome. A concretização de uma sequência didática que possibilitasse a abordagem dos campos de experiência e objetivos de aprendizagem em conformidade com a BNCC (BRASIL, 2017) usando a música e suas possibilidades de abordagem norteou o nosso planejamento durante o estágio.

Assim, este trabalho está dividido em 6 partes: na primeira parte, apresentamos o tema, o problema de pesquisa, os objetivos e a metodologia da investigação; na segunda parte, problematizamos o estágio enquanto um momento experienciador da prática docente, discutindo seus aspectos de inter-relação entre teoria e prática; na terceira parte, fazemos algumas considerações acerca da produção do conhecimento em arte, suas características, bem como, a desmistificação da produção artística enquanto campo distante do saber e fazer científico; na quarta parte, elaboramos uma discussão sobre a música como um elemento de aprendizagem na Educação Infantil, conferindo a prática docente como mediadora deste

processo; na quinta, fazemos a análise, discussão e reflexões sobre as atividades desenvolvidas com uma turma do Pré I da Educação Infantil e; por fim, fazemos nossas considerações finais acerca do tema discutido neste trabalho.

1. O ESTÁGIO SUPERVISIONADO COMO UM MOMENTO DE VIVENCIAR A PRÁTICA DOCENTE

O Estágio Curricular Supervisionado em Educação Infantil, do curso de Pedagogia é um componente curricular obrigatório e, por isso, uma importante ferramenta para a reflexão da práxis educativa, no modo em que articula a dinâmica da escola como um espaço de formação e transformação social, ou seja, um campo propício para ampliar os saberes adquiridos com as discussões teóricas problematizadas na academia. Neste sentido, a vivência que tivemos durante o Estágio Supervisionado em Educação Infantil a partir da compreensão das relações que se estabelecem no âmbito da gestão da sala de aula e sua influência no processo de organização do trabalho pedagógico e a prática de ensino, foi muito importante. Estagiar, nos auxilia na construção de saberes sobre o funcionamento da escola, além de oportunizar ao acadêmico possibilidades de projetos de pesquisas e de intervenção sobre temas relevantes presentes no cotidiano da instituição de ensino, constituindo, assim, como um instrumento agregador para uma formação efetiva do discente em Pedagogia.

O papel do estágio oportuniza o desenvolvimento de atividades que visam a relação teoria e prática. Garrido e Lima (2006) destacam que o estágio tem a oportunidade de romper com a dicotomia entre teoria e prática, sendo assim, configura-se como uma oportunidade de propor atividades que contemplem o aparato teórico desenvolvido em âmbito acadêmico e a prática através da realização de atividades educativas. Garrido e Lima (2006, p. 6), nos dizem que,

[...] o estágio se constitui como um campo de conhecimento, o que significa atribuir-lhe um estatuto epistemológico que supera sua tradicional redução a atividade prática instrumental. Enquanto campo de conhecimento, o estágio se produz na interação dos Cursos de formação com o campo social no qual se desenvolvem as práticas educativas. (GARRIDO e LIMA, 2006, p.6).

Embora exista a crença de que as atividades práticas do estágio estejam desvinculadas da teoria, Pimenta (2009) aponta que o estágio, ao contrário da ideia estabelecida de situação dicotômica e fragmentada, na verdade, caracteriza-se como um objeto da *práxis*, ou seja,

consiste em uma atividade prática mediada pelo aporte teórico. A autora, ressalta, ainda, que o estágio deve ser entendido “como uma atitude investigativa, que envolve reflexão e a intervenção da vida da escola [gestão], dos professores, dos alunos e da sociedade” (*idem*, p. 34), tendo como finalidade “propiciar ao aluno uma aproximação à realidade a qual atuará” (*idem*, p. 45).

Destarte, por se tratar de uma atividade prática instrumentalizada pela teoria, o estágio supervisionado constitui-se como uma importante ferramenta para a consolidação da formação do acadêmico em Pedagogia e futuro docente –essencialmente na Educação Infantil –, possibilitando-o a adotar uma postura reflexiva e crítica frente aos saberes construídos, e estar consciente do saber, considerando “os modos de um fazer [...] construídos pelas ações e práticas, num processo de ir e vir, que demanda reflexão, construção e embate com a realidade social, educacional e escolar [...]” (BARREIRO, 2006, p. 87).

Nas palavras de Pimenta e Lima (2004),

Essa prática supervisionada faz-se necessária para a tomada de consciência por parte dos futuros professores de que as teorias estudadas por eles no curso de formação são fundamentais, mas em hipótese alguma, suficientes para o pleno exercício da docência. É imprescindível, assim, a imersão nos contextos reais de ensino, para vivenciar a prática docente mediada por professores já habilitados, no caso, os orientadores dentro das universidades em parceria com os professores que já atuam nas salas de aula (PIMENTA; LIMA, 2004, p. 45).

Com essas considerações, acreditamos que o caráter investigativo do estágio permite ao acadêmico a inserção na realidade plural e dinâmica que se estabelece cotidiano escolar, podendo, a partir da pesquisa, confrontar o aporte teórico com o contexto educacional vivido. Ressalta-se, ainda, que o potencial investigativo do estágio supervisionado abre caminho para que o acadêmico em Pedagogia seja capaz de elaborar “seus saberes fazeres docentes, a partir das necessidades e desafios que o ensino, como prática social, lhes coloca no cotidiano” (PIMENTA, 1997 p. 6).

É importante destacar que o elemento possibilitador da investigação na prática supervisionada do estágio foi o diário de campo. A possibilidade de realizar os registros das observações, permitiu-nos refletir sobre as ações ocorridas durante a realização do estágio, em uma relação entre teoria e prática. Ao mesmo tempo que privilegiamos a escrita científica utilizando dessa metodologia, os sentimentos vivenciados ao longo da realização do estágio também puderam ser descritos nos relatos. Para Minayo (2001, p 63-64):

O diário de campo é pessoal e intransferível. Sobre o mesmo o pesquisador se debruça no intuito de construir detalhes que no seu somatório vai congrega os diferentes momentos da pesquisa. Demanda um uso sistemático que se estende desde o primeiro momento da ida ao campo até a fase final da investigação. Quanto mais rico for em anotações esse diário, maior será o auxílio que oferecerá a descrição e a análise do objeto estudado. (MINAYO, 2001, p.63-64).

Desse modo, no processo de construção de conhecimentos, mediado pela discussão teórica, o diário de campo se apresentou como importante ferramenta no auxílio para as atividades do estágio num processo que permitiu atuar como sujeito construtor de uma prática. Segundo Zabalza (2007, p. 143-144), o diário de campo é

[...] um instrumento para poder racionalizar a experiência e tirar dela o máximo partido: por meio da narração pode-se iluminar todo o processo seguido pelo estudante em formação, tanto no que se refere a suas atuações como no que se refere às suas vivências pessoais (suas expectativas, seus medos, suas satisfações e o tipo de atitude com que enfrenta a atividade, etc).

Nas palavras do autor, os diários devem tornar-se “recursos de reflexão sobre a prática profissional e, portanto, instrumentos de desenvolvimento e melhoria da própria pessoa e da prática profissional que exerce” (p. 10). E, com isso, este instrumento constituir-se-á como uma poderosa ferramenta na elaboração de análises acerca da realidade educacional, sobre o planejamento de possíveis intervenções, e, ainda, fornecerá elementos para futuras pesquisas, tendo em vista seu caráter investigativo, possibilitado pelo estágio supervisionado.

Com essas considerações, inferimos que a experiência do ensino de arte no estágio em Educação Infantil é uma oportunidade que temos de materializar as discussões sobre a *práxis*. A ação docente mediada por teorias que contribuem para a formulação de novos conhecimentos próximos da realidade vivida. E este componente curricular – a Arte - tão importante quanto os outros, tem um caráter desafiador por ser na primeira etapa da educação básica. As teorias do conhecimento sobre desenvolvimento, aprendizagem, práticas de ensino podem ser problematizadas nesta etapa, sem prejuízo de julgamentos, se tivermos abertos a enxergar aquele contexto como potencial de reflexões e intervenções. A música, neste contexto, foi utilizada como conteúdo e uma forma de comunicação e expressão prazerosa com o objetivo de despertar nas crianças criatividade, emoção e construção de conhecimentos e neste sentido, procuraremos compreender a arte e a produção dos conhecimentos a partir dos apontamentos a seguir.

2. A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO EM ARTES: ALGUNS APONTAMENTOS

Sílvio Zamboni (2001), no trabalho “A pesquisa em arte: um paralelo entre arte e ciência: polêmicas do nosso tempo”, resultado de sua tese de doutorado, discute a caracterização do que seria a pesquisa em Arte. De acordo com o autor, a pesquisa em Arte é prática recente na realidade brasileira. Para ele, a luta para que essa área fizesse parte dos grupos de áreas reconhecidas pela CNPq começou em meados dos anos 80. Houve, sobretudo, resistências de muitos membros do órgão para o estabelecimento da Arte como área de investigação, impedindo a legitimação de estatuto de cientificidade, no que se referia a delimitação do que seria *pesquisa em artes*.

Embora a composição dessa área do conhecimento, muitas vezes, esteja subentendida ao campo das artes visuais, Zamboni (2001) nos chama a atenção para outras áreas do conhecimento, ao afirmar que “abarca um amplo espectro de expressões e manifestações” (p.5). Por isso, em termos de definição, de forma mais abrangente, a pesquisa em arte, “é qualquer pesquisa que se desenvolva no campo das artes” (ZAMBONI, 2001, p. 5), sem restrição a um campo privilegiado dessa grande área do conhecimento humano.

Em relação ao pesquisador em artes, Zamboni (2001) faz escolha por utilizar o termo “pesquisa em artes” se referindo à estudos realizados por artistas, que investigam aspectos da criação da arte, por uma questão de metodologia. Em outras palavras, pesquisadores em História da Arte ou em Arte-educação já utilizam métodos de investigação específicos de outras disciplinas, como História, Ciências Sociais, dentre outras, enquanto que os pesquisadores ocupados em pesquisar a arte em seu aspecto de criação, utilizam métodos próprio desse campo do conhecimento. Todavia, o autor ressalta, que os estudos dos demais pesquisadores, como os citados, podem também ser chamados de *pesquisas em artes*, e a pesquisa aqui apresentada pretende estar neste limiar.

Outro elemento importante sobre o termo escolhido pelo autor é que artistas que pesquisam a criação em arte também utilizam de métodos e técnicas de outras áreas do saber tendo a arte como objeto, e vice-versa.

No que se refere ao rigor teórico metodológico da pesquisa em arte, Zamboni (2001) pontua que,

Tomando-se a forma de pensamento das principais correntes filosóficas ocidentais, percebemos que as atividades relacionadas ao conhecimento humano giram em torno de um componente lógico, racional e inteligível, de um lado, e de um componente intuitivo e sensível, de outros, sendo assim tanto na produção do conhecimento científico, quanto na do conhecimento artístico (p. 8)

Para o autor, no grupo de pesquisadores na área, há aqueles que seguem à risca o rigor científico da pesquisa-ação, enquanto que outros escolhem a intuição e sensibilidade para a execução de seus trabalhos. Em termos gerais, Zamboni (2001) assevera que a forma racional de investigação em artes, emite um sinal de conduta e consciência do caráter científico do estudo nesse campo do saber, tendo em vista que a preocupação pela racionalidade da arte é uma realidade de tempos distantes, presente nos discursos de Aristóteles e Platão, por exemplo.

O contraponto à exigência de racionalidade no campo da arte está no discurso, segundo o autor, do cidadão comum e de muitos intelectuais, críticos e artistas ou mesmo, muitas pessoas do meio acadêmico, que “pensam que a produção e recepção [de artefatos artísticos] não obedecem a uma norma racional” (ZAMBONI, 2001, p. 8) e “Para o senso comum, arte é sinônimo de emoção” ou intuição.

Em arte, a intuição é de importância fundamental, ela traz em grau de intensidade maior a impossibilidade da racionalização precisa. A arte não tem parâmetros lógicos de precisão matemática, não é mensurável, sendo grandemente produzida e assimilada por impulsos intuitivos; a arte é sentida e receptada, mas de difícil tradução para formas verbalmente verbalizadas (ZAMBONI, 2001, p. 28)

Tendo em vista as considerações do autor, percebe-se a importância do elemento intuição, presente na criação artística. Cabe validar que esta é uma característica de toda ação humana e, embora, não se possa verbalizar, como pontua Zamboni (2001), existe na forma do homem perceber o mundo. No que diz respeito ao conceito, Balzarian, (1986) afirma que,

[...] etimologicamente falando, a intuição é um conhecimento direto, uma espécie de visão imediata dos objetos e de suas relações com outros objetos, sem uso de raciocínio discursivo. É nesse sentido que se diz que intuição é uma percepção, visão ou contemplação (p. 41)

Em outras palavras, as atividades ligadas à intuição estão relacionadas ao nosso inconsciente, que não recorre ao recurso do intelecto para agir ou existir. Por isso, o autor afirma que essa atividade não faz “uso de raciocínio discursivo”. Todavia, Zamboni (2001) nos ajuda a entender esse fenômeno, ao argumentar que, mesmo sendo a arte uma forma aguçada da intuição, não é somente esta a responsável pelo processo criativo do artista, que também recorre à racionalidade, ao intelecto. Logo, sendo uma atividade racional, não distante do que se pensa e faz em outros campos do saber, no que se refere à produção do conhecimento humano.

A respeito da produção artística e do conhecimento artístico, Zamboni (2001) cita o trabalho de Jayme Paviani, (1991) na obra “A racionalidade estética” no qual assegura haver evidências da racionalidade na arte, todavia, o trabalho de produção e investigação nessa área, mesmo que possua o caráter racional, a sensibilidade interage com a razão, sendo, pois,

indissociáveis em diversos momentos e aspectos de sua produção. Nas palavras do autor, os “diferentes tipos de “racionalidade” se interagem, por vezes se confundem, se auxiliam e se complementam na produção e na recepção das mensagens expressivas e intrínsecas contidas nas obras de arte” (p. 9).

Em síntese, Zamboni (2001) não quer, em seus argumentos, minimizar a importância ou existência de elementos intuitivos ou sensíveis, tanto em artes como qualquer outra ciência, mas, pretende assegurar que há, sim, a racionalidade no trabalho de pesquisa em artes. Para o autor, uma das principais características e uma pesquisa é, sobretudo, “[...] o grau de consciência e do pleno domínio intelectual do autor sobre o objeto de estudo e do processo de trabalho” (2001, p. 10). E esta afirmação é importante para se pensar a expressão da criação de forma que possamos compreender o que ela manifesta em contato com a arte e mesmo, o que o professor ensina.

O Modernismo foi um importante marco divisório para muitas ciências e também, para a arte, essencialmente no modo de fazer, ver e interpretação as criações artísticas. Tais mudanças, se deram, sobretudo, na negação de antigos padrões de estética, inaugurando uma nova visão de estética ou antiestética (ZAMBONI, 2001).

O termo “antiestética é discutido por Lucrécia Ferrara (1986), na obra “A estratégia dos Signos”,. A autora defende: a importância da linguagem na percepção da arte; o aspecto de racionalidade, caracterizada em elementos como a experimentação, imbuído na produção do conhecimento em artes, e, também, argumenta sobre as rupturas dos limites da arte e ciência a partir da Idade Moderna,

O trabalho estético é denominado pela intenção do progresso no domínio da linguagem e está atento aos novos elementos, posição e características que emergem, aqui e ali e apontam para a descoberta de novas possibilidades. Nesse momento, surge o conjunto progresso-descoberta-experimentação responsável pela natureza intelectual que caracteriza a Arte Moderna. Desse modo, a arte não é, apenas, uma atividade, mas se torna uma espécie de ciência que, sem dúvida, foi efeito da experimentação modernista (FERRARA, 1986, p. 10).

Em outras palavras, mesmo havendo muitos traços da arte clássica, a Arte Moderna, representou a ruptura de antigas tradições de conceber a arte, de modo a aproximar a produção do conhecimento sobre a criação artística com a dos outros campos do saber.

Ainda sobre a aproximação da arte com a ciência, Bronowski (1983, n.p), reflete que

Há um fio que percorre continuamente todas as culturas humanas que conhecemos e que é feito de dois cordões. Esse fio é o da ciência e da arte. (...) Este emparelhamento indissolúvel exprime, por certo, uma unidade essencial da mente humana evoluída. Não pode ser um acidente o fato de não haver

culturas que se dediquem à ciência e não tenham arte e culturas que se dediquem a arte e não tenham ciência. E não há, certamente, nenhuma cultura desprovida de ambas. Deve haver alguma coisa profundamente enterrada no espírito humano – mas precisamente na imaginação humana – que se exprime naturalmente na cultura social tanto na ciência quanto na arte.

As reflexões, feitas pelo autor se aproximam das considerações de Zamboni (2001) sobre a proximidade ou indissociabilidade entre ciência e arte. O fato de não haver – ou se conhecer – culturas que se desenvolveram com a presença de uma e ausência de outra revela que a criação artística não se trata apenas de uma atividade intuitiva, mas que carrega em si esses elementos da lógica e racionalidade que estamos discutindo ao longo deste trabalho. No bojo dessa discussão, e entendendo as dimensões e divisões da arte, a música entra como elemento importante para se pensar os estudos e produções artísticas, essencialmente, em espaços de circulação e produção de conhecimentos, como a escola. Neste trabalho, em específico, discutimos a música, como importante elemento no processo de ensino na Educação Infantil, sendo um possível condutor de aprendizagens, como abordamos a seguir.

3. A MÚSICA COMO CONTEÚDO E ELEMENTO CONDUTOR DE APRENDIZAGENS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

No senso comum, o ensino da Arte, por vezes, costuma ser visto como uma disciplina complementar ou inferior às demais que compõem o currículo escolar, e na Educação Infantil, muitas vezes, este pensamento se manifesta. Embora o senso comum, juntamente com a opinião precipitada de professores produza uma visão limitada sobre essa área, na verdade, trata-se de um importante componente curricular para a formação plena do aluno durante seu período de escolarização. A educação musical tem como material de estudo o som em variadas formas de combinação e, considerando seu potencial formador, acreditamos que ela tem grande valor, apresentando dimensões culturais e sociais para os sujeitos da educação escolar, interferindo no processo de ensino e aprendizagem no que diz respeito às práticas escolares de produção do conhecimento. Nesse sentido, Ferraz e Fusari (2009) apontam que

[...] as novas orientações educativas, incluindo a arte, estão conectadas com as mudanças, propondo encaminhamentos que consideram o ser humano em seus aspectos singulares e múltiplos, consciente de sua condição como cidadão do planeta, mas também preparado para as transformações e para ser transformador e integrado em sua cultura (FERRAZ e FUSARI, 2009. p.38).

Neste sentido, percebemos que o repertório musical e a capacidade criativa dos alunos podem ser aproveitados como elemento estratégico no planejamento e prática do ensino. Desse modo, mesmo o professor não sendo um especialista em música, ele necessita de um repertório de conhecimento que será um importante aliado em seu cotidiano de aulas, para, assim, explorar e/ou desenvolver habilidades e capacidades cognitivas essenciais para os avanços desejados de seus alunos.

Tendo em conta que a música, modo particular de organizar experiências, atende a diferentes aspectos do desenvolvimento humano (físico, mental, social, emocional, espiritual), infere-se ser possível recortar seu papel como agente e integrador do processo educacional, enfatizando desse modo sua importância nas escolas em virtude de sua ação multiplicadora de crescimento. (SEKEFF. 2007. p.18)

Com os apontamentos feitos pela autora, entendemos que vale ressaltar a importância do aspecto sociocultural no ensino de música. A partir da audição, produção e reflexão do repertório musical apresentado e percebido, pode-se observar o nível de aprendizagem e a forma como aprender, perceber práticas discriminatórias, bem como, os impactos das músicas que ouvem para o desenvolvimento humano daqueles indivíduos. Com essas informações, acreditamos que será possível, ao professor, elaborar estratégias de intervenção voltadas para a educação musical.

A infância é o momento propício para o desenvolvimento das capacidades múltiplas do cérebro humano e o estímulo dado através da música constitui-se grande aliado nesse processo. Segundo Ilari e Majlis (2002), as práticas de dança e canto com bebês e crianças pequenas são essenciais para despertar a afetividade e sociabilidade, por exemplo, não sendo apenas uma indicação científica, mas, um artefato cultural da humanidade, carregada de benefícios para os indivíduos que usam dessa prática no cotidiano dos cuidados com os bebês e crianças pequenas. Em outras palavras, os estímulos adequados, essencialmente, os musicais, contribuem para o desenvolvimento do cérebro como um todo. Estímulos que devem ser feitos na infância

A educação de crianças em um ambiente sensorialmente enriquecedor desde a mais tenra idade pode ter um impacto sobre suas capacidades cognitivas e de memória futuras. A presença de cor, música, sensações (tais como a massagem do bebê), variedade de interação com colegas e parentes das mais variedades idades, exercícios corporais e mentais podem ser benéficos (desde que não sejam excessivos). (CARDOSO; SABBATINI, 2000).

Nesse sentido, Ilari (2003) ao citar Herculano-Houzel (2002), infere que a aprendizagem em música não se dá por meio de “fórmulas mágicas”, como muito se tem dito nos “manuais” didáticos sobre as formas como a criança aprende a música, mas, “cabe apelarmos para o bom

senso” (Ilari, 2003, p. 14) de modo a entender que a maneira mais eficaz de desenvolver a inteligência musical é fazendo música, ou seja, inserindo no roteiro de aprendizagem do plano de ensino docente e, assim, obter os resultados esperados de forma prazerosa, significativa e efetiva.

A prática de ensino na Educação Infantil precisa ser permeada de uma infinidade de atividades dos mais variados tipos, essencialmente, na aprendizagem musical, no qual, segundo Ilari (2003), junto com as crianças, o educador deve:

Cantar canções em aula, bater ritmos, movimentar-se, dançar, balançar partes do corpo ao som de música, ouvir vários tipos de melodias e ritmos, manusear objetos sonoros e instrumentos musicais, reconhecer canções, desenvolver notações espontâneas antes mesmo do aprendizado da leitura musical, participar de jogos musicais, acompanhar rimas e parlendas com gestos, encenar cenas musicais, participar de jogos de mímica de instrumentos e sons, aprender e criar histórias musicais, compor canções, inventar músicas, cantar espontaneamente, construir instrumentos musicais; essas são algumas das atividades que devem necessariamente fazer parte da musicalização das crianças (ILARI, 2003, p. 14)

Neste sentido, pelo exposto, percebemos que a ação docente, no que se refere à musicalização das crianças se balizam na aquisição e práticas de um grande repertório de atividades que não só envolve a emissão de sons em melodia, mas um trabalho que englobe todas as dimensões corporais, reforçando o desenvolvimento cognitivo como um todo, explorando capacidades criativas e desenvolvendo habilidades essenciais para outros tipos e momentos de aprendizagens a partir do grande potencial existente no ensino de música.

Um aspecto importante da musicalização da criança enquanto atividade escolar é a interação do movimento do corpo com o canto. Segundo Ilari (2003, p. 15), “O ato de cantar, espontaneamente ou de forma dirigida em sala de aula, pode ativar os sistemas da linguagem, da memória, e de ordenação sequencial, entre outros”, ou seja, o estímulo a comportamentos naturais da criança, como o cantar de forma livre, configura-se grande aliado para o planejamento de ensino, bem como, o alcance dos objetivos de aprendizagem para esta etapa da escolarização. Em relação ao corpo, “o movimento corporal parece ajudar a desenvolver os sistemas de orientação espacial e motor”

Outro aspecto relevante a se considerar na musicalização das crianças no contexto escolar é o elemento cultura. “[...] Objetiva, dentre outros, a formação cultural e o desenvolvimento musical dos alunos [...]” (OLIVEIRA, 2013, p. 02)

De acordo com Oliveira (2013, p. 02), os termos “formação, cultura e formação/desenvolvimento cultural/musical” aparecem nos documentos legais de forma explícita ou implícita, o que sugere que a música, antes de tudo é uma manifestação cultural,

portanto, “uma produção coletiva da sociedade” (PENNA, 1995, p. 17 apud OLIVEIRA, 2013, p. 02).

Oliveira (2013) ainda reflete sobre um paradoxo existente na realidade do ensino de música nas escolas, que a presença da indústria musical. Para a autora, há um desafio para os professores quanto ao ensino no que se refere com relacionar o que a indústria tem produzido e com o que a humanidade construiu historicamente.

No contexto educacional, Swanwick (2003, p. 15), afirma que “o discurso musical tem que ser visto como uma pluralidade”. Na realidade brasileira, identifica-se a pluralidade, segundo Oliveira (2013), a partir das músicas tidas como “populares”, “eruditas” e “folclóricas”. Para a autora, tais manifestações culturais fazem parte do repertório musical que poderia ser ensinado nas escolas, porém, o que se ouve são apenas “ecos” ou pinceladas superficiais de cada “gênero” ou a ilegitimidade de um ou outro enquanto partícipe dos conteúdos/práticas do ensino de música.

A diversidade musical na cultura brasileira é algo marcante, sendo percebida nas diversas manifestações culturais na extensão do país. Por isso, entendemos que a promoção de práticas de combate à supervalorização de determinados gêneros musicais em detrimento de outros. Para isso, apontamos como mecanismo de superação, o elemento interação, pois.

O que nos é possível, e que a educação musical deve nos proporcionar, é a interação com música de diferentes contextos culturais, ampliando a nossa dimensão e percepção musical, fazendo com que a partir do contato com outras linguagens possamos inclusive ampliar o nosso próprio discurso musical (QUEIROZ, 2004, p. 101).

Considerando a existência e necessidade dessa diversidade de produção, prática e ensino de música, promovendo respeito e interação entre as diferentes linguagens, Oliveira (2013) aponta que o predomínio de determinadas manifestações culturais sobre música é mais comum dependendo do lugar, ou seja, há a presença inexpressiva das músicas folclóricas e/ou músicas populares no ensino de músicas nas escolas básicas, enquanto que nas escolas de formação musical, há uma “devoção” ao erudito, numa espécie de “europeização” do que é ensinado e aprendido, nos conservatórios, por exemplo.

Sobre a indústria musical, Oliveira (2013), por meio de um levantamento bibliográfico, observou indícios da influência da música popular na vida de jovens e crianças, a ponto de tal referência fazer parte do repertório de seu cotidiano, em que muitos deles a aprendem sozinhos, não vendo, por exemplo, a necessidade de um professor para ensiná-los. O que implica na reformulação do olhar do professor ao perceber o interesse de seus alunos por tais

estilos/gêneros musicais, por meio, talvez, de uma transposição didática para alcançar e ter êxito no processo de ensino e aprendizagem no que diz respeito a música.

Sobre esta influência, Grossi (2000) assevera que:

Os meios tecnológicos, a serviço da comunicação, da informatização e da indústria fonográfica têm transformado significativamente o cotidiano de todos nós. Atualmente, a indústria da música produz e lança no mercado grande variedade de gêneros e estilos, indo do ocidente ao oriente, do passado ao presente, incluindo diferentes etnias, com abrangência do popular ao “erudito”. A “globalização” diminui as fronteiras musicais, e mesmo que perpetuando a hegemonia da cultura dominante, contribui para a divulgação da música popular de diferentes países [...]. (p. 40).

Ou seja, os meios tecnológicos têm exercido grande papel na construção de novas identidades musicais, dando ênfase, nesse caso, à reverberação da música popular aos diferentes contextos culturais. Desse modo, de acordo com Oliveira (2013), a escola/professor enfrenta um grande desafio quanto à realidade social quanto à padronização musical que já “entrou” pelos portões da escola. É certo que deve haver uma democratização de conhecimentos, em que todos devem ter a oportunidade de conhecer diversos gêneros musicais, porém a indústria da música, de forma sutil, tem levado ao currículo escolar o paradigma musical, ou seja, um modelo do que se ouvir e ensinar. Portanto, cabe ao mestre ter a sensibilidade e conhecimento didático-pedagógico para saber fazer uso desta realidade em prol do seu planejamento de ensino para todos aprendam música e não apenas “ecos, foi o que se buscou na construção da sequência didática a respeito da música D. Aranha de Josette e o que procuraremos apresentar a seguir.

4. DONA ARANHA: A MÚSICA UM CONTEÚDO E ELEMENTO MOTIVADOR DA APRENDIZAGEM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Quando construímos a sequência didática D. Aranha, tivemos a oportunidade refletir sobre uma gama de conhecimentos adquiridos ao longo da nossa formação, estes, como demonstramos anteriormente, destacam o estágio como espaço de vivência docente e de construção de práticas significativas aos discentes. Destacamos neste trabalho, especificamente a música como um conteúdo importante na formação do pedagogo e como este é um motivador para práticas interdisciplinares.

A respeito do conceito de sequência didática, recorreremos ao extinto Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), para nos ajudar a entendê-lo. Assim,

Uma sequência didática se constitui de numa série de atividades planejadas e orientadas com o objetivo de promover uma aprendizagem específica e definida de determinado conteúdo. São sequenciadas para oferecer desafios com graus diferentes de complexidade para que os alunos possam resolver problemas a partir de diferentes proposições.” (RCNEI, 1998)

Quando olhamos para a definição do que é uma sequência didática, vemos que tem o objetivo de promover experiências de aprendizagens dispostas em ordem e correlação, de modo a reorganizar uma abordagem temática a um contexto educativo. Percebemos, ainda, o seu potencial desafiador tanto para o educador quanto para o educando, uma vez que são sequenciadas, oferecendo desafios com graus diferentes de complexidade.

E assim, no chão da escola, conciliando teorias e as práticas, apresentamos ações que possibilitaram uma intervenção com um grupo de crianças. Embora durante a realização do estágio acompanhamos cerca de 100 alunos do Pré I, entre 4 e 5 anos, divididos em cinco turmas de 20 alunos e a música estivesse presente na rotina e no espaço da sala de aula das educadoras, por meio de atividades rotineiras, brincadeiras e jogos, a sequência didática foi realizada para apenas uma sala. Esta análise também se dá em razão da participação, acompanhamento e trocas dialógicas com uma professora supervisora de estágio.

Também foi percebido e dialogado com a referida professora, que a turma em questão possuía receptividade em relação aos conteúdos musicais, e que a música proporcionava alegria e trabalhava a corporeidade. Assim, houve a sugestão de utilização da música para trabalharmos a motricidade, em especial a psicomotricidade fina. O planejamento partiu também da significação para as crianças, além de contribuirmos com o desenvolvimento da turma. E assim, orientadas pela experiência da professora, somada a compreensão e execução dos conteúdos de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) (BRASIL, 2018) elaboramos a proposta considerando os cinco campos de experiência para o desenvolvimento das crianças. De acordo com o documento,

Os campos de experiências constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural (BRASIL, 2017, p. 40)

Segundo o documento, os referidos campos de experiências são: *Eu, o outro e o nós*; *Corpo, gestos e movimentos*; *Traços, sons, cores e formas*; *Escuta, fala, pensamento e imaginação*; e *Espaço, tempo, quantidades, relações e transformações*. Durante o desenvolvimento do trabalho, avaliamos que utilizamos com maior evidência dois eixos, sendo eles, *Traços, sons, cores e formas*; e *Escuta, fala, pensamento e imaginação* como prioridade na execução da sequência, e assim, fizemos um caminho importante para a compreensão da prática, instrumentalizada pela teoria.

No Campo de Experiência *Traços, sons, cores e formas*, a BNCC descreve que a criança possa:

Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia etc.), a música, o teatro, a dança e o audiovisual, entre outras. Com base nessas experiências, elas se expressam por várias linguagens, criando suas próprias produções artísticas ou culturais, exercitando a autoria (coletiva e individual) com sons, traços, gestos, danças, mímicas, encenações, canções, desenhos, modelagens, manipulação de diversos materiais e de recursos tecnológicos. Essas experiências contribuem para que, desde muito pequenas, as crianças desenvolvam senso estético e crítico, o conhecimento de si mesmas, dos outros e da realidade que as cerca. Portanto, a Educação Infantil precisa promover a participação das crianças em tempos e espaços para a produção, manifestação e apreciação artística, de modo a favorecer o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da expressão pessoal das crianças, permitindo que se apropriem e reconfigurem, permanentemente, a cultura e potencializem suas singularidades, ao ampliar repertórios e interpretar suas experiências e vivências artísticas (BRASIL, 2017, p. 41).

Neste campo - *Traços, sons, cores e formas* – entendemos que a vivência é destacada através das diversas formas de expressão e linguagem, incluindo a música e a autoria individual e coletiva por meio dos sons. Percebemos, ainda, que o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade e expressão das crianças são características deste processo, destacando, de forma geral, a relevância das diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas.

No campo de experiência *Escuta, fala pensamento e imaginação*, o documento aponta que,

Desde o nascimento, as crianças participam de situações comunicativas cotidianas com as pessoas com as quais interagem. As primeiras formas de interação do bebê são os movimentos do seu corpo, o olhar, a postura corporal, o sorriso, o choro e outros recursos vocais, que ganham sentido com a interpretação do outro. Progressivamente, as crianças vão ampliando e enriquecendo seu vocabulário e demais recursos de expressão e de compreensão, apropriando-se da língua materna – que se torna, pouco a pouco, seu veículo privilegiado de interação. Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social. (BRASIL, 2017, p. 42)

Em outras palavras, a interação, por meio das diversas linguagens é uma característica humana desde o seu nascimento. Ao longo de sua vida, as formas de se comunicar vão ganhando contornos complexos (introdução de novos vocábulos ao seu vocabulário que, ora era simples e foi se diversificando), mas que são essenciais para a comunicação e interação entre os pares.

Desse modo, tendo em vista a importância do fomento ao desenvolvimento da comunicação e interação, por meio das diversas linguagens, entre elas, a comunicação por meio da música, nossa atividade de estágio, foi elaborada em uma sequência didática composta com atividades de intervenção com crianças de 4 a 5 anos a partir da música “Dona Aranha” de Josette Feres, explorando-a como conteúdo motivador¹.

O legado de Josette Feres² como educadora permitiu a musicalização de bebês, crianças e adolescentes e a formação de músicos, instrumentistas e educadores musicais, e foi importante para o desenvolvimento da sequência didática que baliza esta análise. Em sua obra “Bebê, música e movimento: orientação para a musicalização infantil”, na qual descreve reflete sobre seu trabalho em uma escola de música para bebês em Jundiaí-SP, Feres apresenta alguns objetivos essenciais para o desenvolvimento dessas atividades musicais com bebês. Dentre eles, estão:

Estimular maior ligação afetiva entre a mãe (ou o adulto que cuida da criança) e o bebê. Proporcionar à criança momentos de prazer junto a quem ama. Contribuir para resgatar o nosso patrimônio cultural, utilizando canções folclóricas e populares na aula. Dar modelos de interação musical, fornecendo um repertório para a mãe cantar e brincar com o filho. Proporcionar à criança um ambiente onde terá maior liberdade para criar. Estimular o canto e a fala. A criança aprende a cantar ao mesmo tempo que aprende a falar. Dar oportunidade à criança de ter contato com outras pessoas numa atmosfera expressiva e agradável. Ensinar a criança a representar regras e conhecer limites. Desenvolver a musicalidade, sensibilidade, percepção auditiva, psicomotricidade, senso rítmico e sociabilidade. (FERES, 1998, p. 13-14).

Embora esta obra trate de uma experiência com bebês, entendemos que os objetivos, estratégias e metodologias podem ser utilizados no contexto de crianças da fase pré-escolar da Educação Infantil, uma vez que, esta obra permeava o cotidiano das crianças que vivenciaram

¹ A pesquisadora e musicista, Josette Silveira Mello Feres, nasceu em 22 de agosto de 1933 e iniciou seus estudos de piano em 1941, possui um histórico significativo chegando a fundar a Escola de Música de Jundiaí em 1971, além de possuir um amplo trabalho com a musicalização para bebês. Uma estudiosa na área de musicalização, tendo em sua formação a presença de pesquisadores renomados como Violeta Gainza (Argentina), Francis Oronof (EUA), além de ter sido aluna de Heitor Villa-Lobos, dentre outros, além do campo da musicalização para bebês, atuou com crianças com necessidades educacionais especiais, através de um trabalho que objetivava o desenvolvimento físico, mental e emocional dos alunos.

² A autora Josette Feres faleceu recentemente no dia 08/06/2020. <https://www.jundiaiqui.com.br/mortes/o-be-a-ba-da-musica-e-o-legado-deixado-por-josette-feres/> Acesso 25 Nov 2020.

a proposta desta sequência didática. Cantar a música Dona Aranha era uma prática corriqueira tanto na escola quanto fora dela, pois esta é uma obra que transita em meio ao erudito, populares e mesmo, da indústria cultural.

Uma vez que o prazer em ouvir música pode ser despertado e desenvolvido nas diversas faixas etárias, entendemos, assim como Feres (1998, p. 15) que “Não existe uma idade mínima para realizar este trabalho, se desenvolvido numa creche, hospital, mini maternal ou mesmo em casa” Outrossim, a prática educativa com musicalização infantil não se esgota nesta fase, tendo em vista que o trabalho do professor com as crianças se expande, ainda, para a construção, apreciação e uso dos mais variados objetos que podem ser usados como instrumentos musicais.

Destacamos, ainda, que esta atividade do estágio que tomou uma canção como conteúdo motivador, foi realizada em cinco etapas, em cinco dias, as quais descrevemos a seguir.

Etapa 1) Inicialmente trabalhamos a música “Dona Aranha” em rodinha com as crianças, ouvindo e identificando os sons e em seguida levantando hipóteses sobre o que é uma aranha, o que eles sabiam sobre ela, se conheciam alguma música que tinha a palavra aranha. Neste momento da rodinha, realizada cotidianamente em sala de aula, o nosso objetivo era explorar a sonoridade daquela música, a comunicação, além da autonomia e identidade; começamos a interagir com as crianças, questionando se conheciam a música, como era melodia, como cantavam, após esse momento inicial colocamos a música para que os alunos pudessem fruir a sonoridade. Apesar de estar com a professora regente, o sentimento de conduzir a atividade inicialmente foi de insegurança, no entanto, após os primeiros instantes conseguimos interagir com as crianças que se mostraram muito atentas e participativas. A utilização da música permitiu uma maior aproximação com os alunos, além do estímulo a sensibilidade, criatividade e a utilização dela como atividade lúdica no processo educativo.

A aula, atividade em que participam alunos e professoras, é segundo com Veiga (2008):

[...] um projeto de construção colaborativa entre professores e alunos. Envolve o pensar, à docência e o agir, mas também implica desvelar o novo e enfrentar o imprevisto. A aula é um ato técnico-político, criativo, expressão da beleza e dos valores científicos e éticos do professor e dos alunos. É ainda, espaço de múltiplas relações e interações. Enfim a aula é espaço da formação humana e da produção cultural. (VEIGA, 2008, p. 9).

Pensando nessa afirmação de Veiga (2008), podemos enfatizar que a colaboração foi algo que nos chamou bastante a atenção na realização dessa sequência didática, juntos todos os atores envolvidos nesse processo tiveram uma participação que permitiu com que as atividades fossem realizadas em um movimento contínuo que contemplou os campos de experiência e objetivos de aprendizagem da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Na

figura 1, como já indicado, apresentamos a música “Dona Aranha e começamos a interagir com as crianças, questionando se conheciam a música, como era melodia, como cantavam, após esse momento inicial colocamos a música (figura 2) para que os alunos pudessem compreender a letra e sonoridade.



Figura 1: Apresentação da Música "Dona Aranha"

Fonte: Acervo pessoal

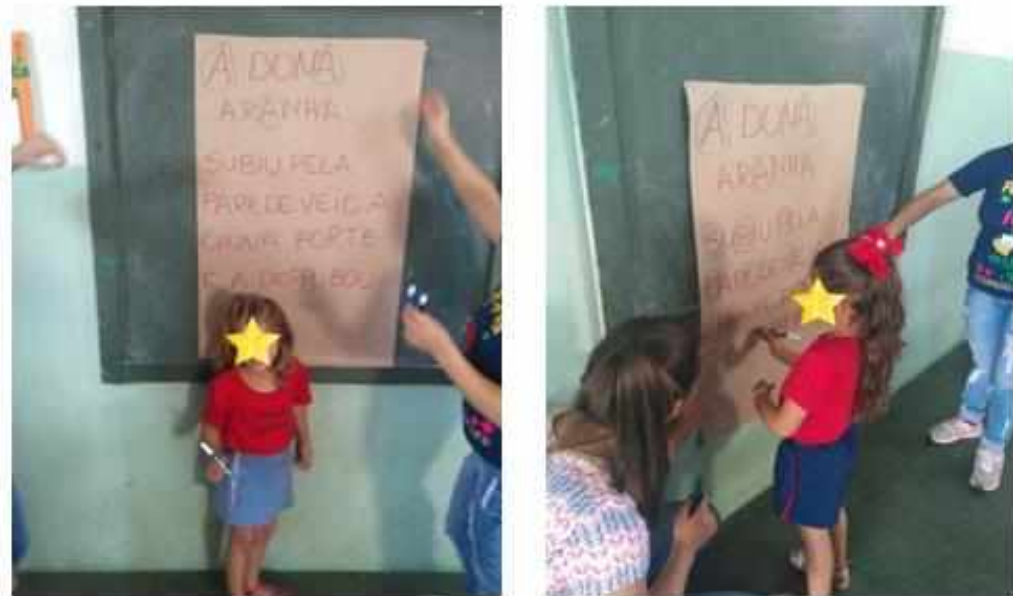


Figura 2: Colagem da letra da Música

Fonte: Acervo pessoal

Na Etapa 2 fizemos uma teia de aranha em um bambolê com fitas, e em seguida imprimimos algumas aranhas de diferentes cores, para que as crianças colassem nos bambolês. A atividade em questão foi desenvolvida utilizando os materiais disponíveis na instituição, para

a confecção da teia foi utilizada um bambolê, fita crepe e as aranhas impressas em papel A4, com o objetivo de quantificar e relacionar o número a sua respectiva quantidade. Na figura 3 podemos identificar as crianças em pé colando as “aranhas coloridas” na teia de bambolê.



Figura 3: Colagem das aranhas coloridas na teia de aranha feita com bambolê

Fonte: Acervo pessoal

Etapa 3) No terceiro momento realizamos uma oficina de música onde foram trabalhados, ainda outros conteúdos como timbre, melodia, ritmo associados à instrumentos de percussão tambores, chocalhos e pandeiros feitos com sucata. Gostaríamos de salientar a carência de material para trabalhar a linguagem musical no espaço da escola e muitas vezes da formação musical dos professores, acreditamos que a confecção dos instrumentos, oportunizou em parte as crianças conhecerem as qualidades do som os produzindo.

Interessante mencionar que a referida escola estagiada não possuía professor de música para as crianças nem instrumentos próprios para a execução de música. Para a confecção e improvisação dos nossos instrumentos houve a exploração de materiais diversos, como latinhas, fita colorida, tinta, adesivos, feijão, milho, arroz, colheres, para a exploração de materiais e de características geradas pelos sons, altura e intensidade.

Etapa 4) momento, cujos registros estão na figura 4 realizamos a construção de uma teia, na qual as crianças a construíram uma atividade de alinhavo, importante para o desenvolvimento da coordenação motora fina, nosso objetivo inicial de atividade focado no desenvolvimento das habilidades em que a turma possuía dificuldade. Assim, ao expressar por

meio da pintura, as crianças construíram suas próprias teias, por meio do alinhavo, atividade que traz vários benefícios, dentre eles, o desenvolvimento da coordenação motora fina, auxiliando no processo de alfabetização. A pintura foi uma das atividades que as crianças mais gostaram, elas puderam escolher as cores, interagirem com os demais colegas e se expressar, além da questão motora, ou mesmo de atender aos objetivos de aprendizagem, ao pintar compreendo que a criança tem a possibilidade de experimentar e brincar, a pintura possui um caráter lúdico que desperta o prazer no processo ensino-aprendizagem.



Figura 4: 1ª etapa da confecção de uma teia de aranha a partir da atividade do alinhavo

Fonte: Acervo pessoal



Figura 5: 2ª etapa da confecção de uma teia de aranha a partir da atividade do alinhavo

Fonte: Acervo pessoal

Além da pintura e do prazer da realização da atividade com a manipulação de cores e texturas, temos a questão psicomotora, desse modo, compreendo de acordo com Fonseca (2009), que a psicomotricidade é uma ciência que promove o desenvolvimento das habilidades emocionais, cognitivas e motoras nas diversas etapas da vida do ser humano. A educação infantil tem um papel fundamental no processo de aprendizagem das crianças que visa contribuir pedagogicamente para o desenvolvimento integral dos alunos.

Para Fonseca (2009) psicomotricidade é uma prática que contribui para o pleno desenvolvimento da criança no processo ensino-aprendizagem, que favorece os aspectos físicos, mental, afetivo-emocional que contribui para a formação da sua personalidade.

Dentro dessa perspectiva a atividade do alinhavo, permitiu com que as crianças exercitassem a concentração e a coordenação motora fina, podemos salientar que isto não se deu de forma descontextualizada e de forma que as crianças se envolveram com a atividade em questão.

A Etapa 5, registrada na figura 6, foi composta pelas atividades que compreendem o campo de experiência “Escuta, fala, pensamento e imaginação, no qual trabalhamos por meio do porta texto, a letra da música com as crianças, destacando as palavras e a relação grafema/fonema. Passamos ao desenvolvimento das atividades objetivando explorar o campo de experiência “Escuta, fala, pensamento e imaginação”, a letra da música foi apresentada as crianças, a leitura feita pela professora contribuiu para que os alunos entrassem em contato com a linguagem oral e escrita.



Figura 6: Atividade Porta Texto

Fonte: Acervo pessoal

A atividade em questão permitiu que as crianças levantassem hipóteses sobre a linguagem escrita, através da escrita da letra, bem como, identificar através da estratégia de observação gráfica letras presentes no texto dela. Fizemos a atividade de escrita espontânea com as figuras aranha, teia, sol e por fim, realizamos uma atividade de colagem com barbante.

A música foi utilizada para ampliar o conhecimento das crianças, vislumbrando contemplar objetivos de aprendizagem e campos de experiências diferenciados, desse modo, a atividade Teia de aranha, ainda, englobou o campo “ Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”, com o objetivo de “ relacionar números as suas respectivas quantidades, e identificar o antes, o depois e o entre em uma sequência”. (BRASIL, 2017, p.52) A finalização da sequência se deu por meio de um elemento muito significativo em relação a linguagem musical, com a percepção dos sons e silêncios, procurando desenvolver a escuta e a observação por meio da construção e exploração dos instrumentos de uma bandinha.

Na experiência identificamos toda uma rotina na escola com a Educação Infantil, dentre elas: o dia da semana, o clima, final de semana, calendário a chamada onde as crianças identificam e responde com autonomia. Os momentos vivenciados nos possibilitaram apreciar o desenvolvimento de cada uma e vislumbrar possibilidades de uma prática futura, tendo como foco da prática docente, a interação, as brincadeiras e a música como um conteúdo relevante no processo de ensino e aprendizagem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, entendemos, a partir da experiência analisada e discutida que o estágio de Educação Infantil foi um momento de fazermos reflexões acerca do que vivenciamos no terreno da escola. Acreditamos que quando vamos para escola, já levamos algumas ideias sobre o que vamos ver/presenciar/experienciar a partir do que estudamos nas disciplinas do curso, mas, como sabemos, a realidade costuma ser diferente, em muitos aspectos. Por isso, o olhar crítico e reflexivo sobre aquela realidade é muito importante, uma vez que podemos pensar possibilidades, intervenções, refletir sobre como seria/será a prática futura dada uma situação parecida e até mesmo o diálogo com as teorias que estudamos.

Destacamos, ainda, a relevância de se conhecer e considerar a arte como um campo do saber, assim como as demais áreas do conhecimento. Embora o senso comum caracterize as

produções artísticas apenas como uma prática de reprodução estética, envolta da sensibilidade do artista. A arte ultrapassa o imaginário comum, ao demonstrar seu caráter desafiador de sistematizar os conhecimentos produzidos pela humanidade acerca do tema. Disponibilizando a estudantes e pesquisadores materiais para o conhecimento e a possibilidade de produção de novas criações artísticas nas mais diversas maneiras de se fazer arte a partir das artes visuais, a música, a dança e o teatro, por exemplo.

Considerando a arte a partir de suas dimensões, ressaltamos a importância da música, elemento importante para se pensar e construir as atividades descritas e analisadas neste texto. Nos diversos aspectos que caracterizam os processos de ensino e aprendizagem, a música compôs uma experiência rica em conhecimentos e trocas de saberes. O desenvolvimento infantil foi explorado a partir de elementos pedagógicos lúdicos que fizeram com que cada atividade fosse significativa para a criança, além do prazer em ouvir e interagir com a música em questão – Dona Aranha.

Em relação à atividade desenvolvida com a sequência didática, percebemos a importância da música como conteúdo e elemento motivador de aprendizagens. Percebemos que há a necessidade de ampliação do trabalho com a linguagem musical, assim como, o uso do aparato teórico, conhecimento instrumental, e, essencialmente, fomentar políticas e práticas para a formação dos educadores e, por fim, um maior destaque nos documentos que norteiam atualmente o trabalho com a linguagem musical no espaço educativo.

O desenvolvimento de toda essa proposta durante o estágio, permitiu a construção de saberes, olhares e reflexões, além do exercício da docência, a troca dialógica com a professora supervisora do estágio, permitiu a compreensão dos desafios, obstáculos, mas também das múltiplas possibilidades de realização de um processo ensino-aprendizagem significativo. Desse modo, a música como elemento norteador permitiu o trabalho com uma série de atividades que relacionaram a linguagem musical a aspectos do desenvolvimento afetivo, cognitivo e motor dos alunos.

REFERÊNCIAS

BALZARIAN, J. **A intuição Heurística**. São Paulo, Alfa-Omega, 1986.

BARREIRO, I. M. F. Estágio curricular na formação de professores: propostas e possibilidades no espaço escolar. In: **Prática de ensino e Estágio Supervisionado na formação de professores**. São Paulo: Avercamp, 2006, p. 87-115.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Curricular Comum**. Brasília: MEC, SEB, 2017. Disponível em <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/> cesso em 20 set. 2020.

BRONOWSKI, J. **Arte e Conhecimentos: Ver, Imaginar, Criar**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

CARDOSO, S. H; SABBATINI, R. M. Aprendizagem e mudanças no cérebro. Cérebro e Mente [Revista eletrônica], 11, Universidade Estadual de Campinas, out./dez. 2000. Disponível em <https://cerebromente.org.br/n11/mente/eisntein/rats-p.html> Acesso em 13 nov. 2020.

FERRARA, L. D'a. **A estratégia dos Signos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1986.

FERES, J. S. M. **Bebê: música e movimento: orientação para musicalização infantil**. Jundiaí, São Paulo: J. S. M. Feres, 1998

FERRAZ, M. H. C. T.; FUSARI, M. F. R. **Metodologia do Ensino da Arte: fundamentos e proposições**. São Paulo: Cortez, 2009.

FONSECA, V. da. **A Psicomotricidade e o desenvolvimento do ser humano**. São Paulo. 1983. Disponível em: <http://www.leoabreu.psc.br/02.htm>. Acesso em 09 ago. 2021

GROSSI, C. Categorias de respostas na audição da música popular e suas implicações para a percepção musical. In: **SIMPÓSIO PARANAENSE DE EDUCAÇÃO MUSICAL**, 7., 2000, Londrina. Anais ... Londrina: SPEM, 2000. p. 37-64.

HERCULANO-HOUZEL, S. **O cérebro nosso de cada dia: descobertas da neurociência sobre a vida cotidiana**. Rio de Janeiro: Vieira & Lent, 2002.

ILARI, B.; MAJLIS, P. Canções infantis ao redor do mundo: uma entrevista com Franci Corpataux. **Educação Musical Internacional**, 1, p. 3-14, 2002.

ILARI, B. A música e o cérebro: algumas implicações do neurodesenvolvimento para a educação musical. **Revista da abem**, n. 9, setembro de 2003.

LIMA, M. S. L.; PIMENTA, S. G. Estágio e docência: diferentes concepções. **Póesis Pedagógica**, v. 3, n. 3 e 4, p. 5-24, 2006.

MINAYO, M. C. de S. *et al.* **Pesquisa social: teoria, método e criatividade** (Org.). Vozes, 2001.

OLIVEIRA, T. Processos de formação cultural/musical na escola: como avançar em relação ao que está posto musicalmente? . In.: **36ª Reunião da Anped**, 2013. Disponível em: www.anped.org.br/sites/default/files/gt24_2821_texto.pdf cesso em: 20 nov. 2020.

PENNA, M. O papel da arte na educação básica. In: PEREGRINO, Yara R. **Da camiseta ao museu: o ensino das artes na democratização da cultura**. P. 12 – 17, Editora Universitária, UFPB, João Pessoa, 1995.

PIMENTA, S.G. Estágio, diferentes concepções. In: **Estágio e docência**. 7. Ed. São Paulo: Cortez, 2009, p. 33-57.

PIMENTA, S.G., LIMA, M.S.L. **Estágio e Docência**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.

PIMENTA, S. G. **O estágio na formação de professores**: unidade teoria e prática. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1997

QUEIROZ, L. R. S. Educação musical e cultura: singularidade e pluralidade cultural no ensino e aprendizagem da música. **Revista da ABEM**, Porto Alegre, V. 10, 99-107, mar. 2004

SEKEFF, M. de L. **Da música**: seus usos e recursos. São Paulo: Editora Unesp, 2007.

VEIGA, I. P. A. **Aula**: gênese, dimensões, princípios e práticas. Papirus Editora, 2008.

ZABALZA, M. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2007.

ZAMBONI, S. **A pesquisa em Arte**: um paralelo entre arte e ciência / Silvio Zamboni. 2 ed. – Campinas, SP: Autores Associados, 2001.